

Bernardo Carvalho e Isabel Minhós Martins dizem que a leitura faz viajar

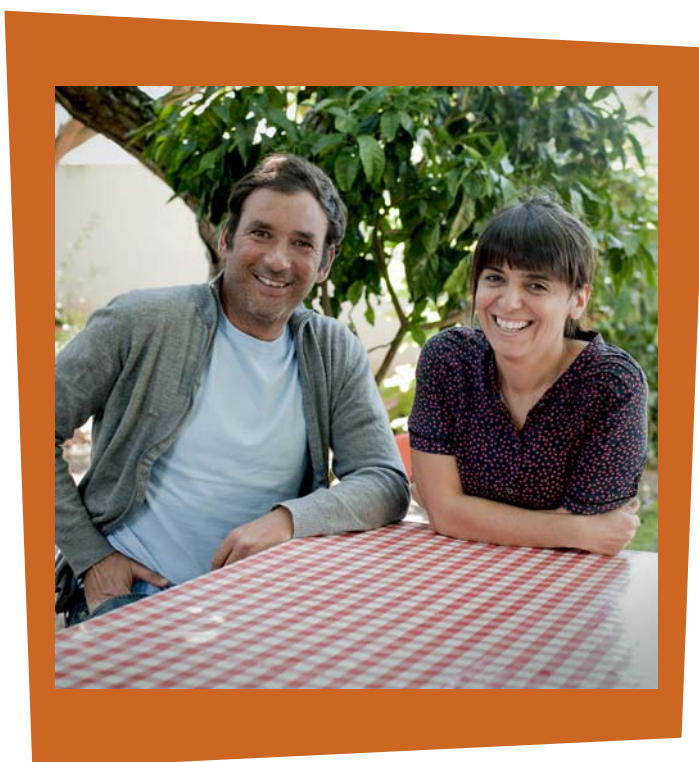
O Bernardo Carvalho e a Isabel Minhós Martins (que nasceram em 1973 e 1974, respetivamente) estudaram na mesma escola e são amigos há muitos anos. Um dia receberam um convite para trabalhar juntamente com outros amigos em publicações e outros conteúdos para crianças. Assim nasceu Planeta Tangerina, um ateliê de design que se tornou também editora de livros e álbuns ilustrados para os leitores mais jovens...

Quais eram os livros preferidos da Isabel quando era pequena, aqueles que a fizeram gostar de ler?

Tive várias fases. Quando era muito, muito pequena não me lembro bem; eram livros do tipo álbum ilustrado, que lia aos fins de semana de manhã, ainda antes de a televisão começar. Quando comecei a ler mais, foi Sophia de Mello Breyner Andresen (*A Floresta, A Menina do Mar*), os livros da coleção «Uma aventura» e de outras coleções. Também lia banda desenhada da Mafaldinha. Depois disso, quando cheguei aos 12 ou 13 anos, lembro-me de uma altura em que sentia não haver livros para mim, de que gostasse. Comecei a ler *Eça de Queiroz*, que era muito difícil, pelo que sublinhava algumas palavras para depois procurar no dicionário.

Bernardo: Mesmo «à croma»...

Isabel: Mesmo à «croma»! Li muito Sophia de Mello Breyner Andresen e também aqueles autores portugueses clássicos para a minha geração, como a Alice Vieira por exemplo... Lia tudo o que aparecia



Pedro Macedo - Framed Photos

.....

e hoje vejo que o meu filho Simão também é um bocado assim: jornais, revistas... Não tinha muito critério de escolha; tudo o que me aparecesse à frente e tivesse letras eu lia. Agora já sou mais exigente.

E o Bernardo, de que brincadeiras e brinquedos mais gostava quando era criança?

Nas brincadeiras acho que era como todos os rapazes: gostava de brincar com carrinhos; adorava desenhar – sempre desenhei imenso. Em relação aos livros, o meu pai tinha muitos de banda desenhada em casa, pelo que adorava ver esses livros, mesmo que ainda não os conseguisse ler. Acho que era muito calminho, muito caseiro.

O que os fez decidir criar a editora Planeta Tangerina e fazer livros para crianças, Isabel?

Nós já nos conhecemos há muito tempo (desde os tempos do liceu) e estudámos quase todos na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Começámos a trabalhar juntos na sequência de um convite que nos fizeram para criar uma revista para crianças. A seguir a essa revista começaram a surgir muitos outros convites para projetos sempre na área da comunicação pedagógica. Mas eram sempre projetos em que havia um cliente por trás, um *briefing* (instruções ou regras), objetivos de comunicação, um público-alvo e, depois de fazermos as coisas, era tudo sujeito a muitas correções, revisões, testagens e havia sempre muitas opiniões sobre a mesa. Apesar de esses trabalhos terem um lado interessante, e de serem muito virados para o mundo lá fora, começámos a ficar um bocadinho cansados de não podermos fazer os trabalhos mais como autores, de corrermos riscos e nos responsabilizarmos por aquilo que estávamos a fazer. E muitas vezes até nem concordávamos com as correções que vinham de fora, pelo que decidimos criar uma espécie de linha paralela aos trabalhos do ateliê. Foi assim que nasceu a editora, como uma coisa muito experimental, uma espécie de recreio que tínhamos entre trabalhos. Hoje as duas coisas coexistem; a parte da editora foi crescendo – não é uma editora grande nem nada que se pareça, mas para nós continua a ser muito importante termos esse lado em que podemos fazer as coisas da maneira em que acreditamos e também sem ter tanto essa preocupação de saber se os miúdos estão a perceber, se vão gostar... É uma coisa mais nossa, e se calhar também é por isso que apanha leitores um bocado mais velhos. Foi assim que nasceu tudo, não houve um projeto pensado com uma estratégia; aqui não funcionamos muito assim, somos todos um bocadinho intuitivos.

A vossa editora organiza ateliês e atividades para crianças com alguma frequência. O Bernardo lembra-se de algumas histórias engraçadas ou situações inesperadas vividas nessas sessões?

Por acaso nunca tive nenhuma cena fora do normal, para já porque nunca fiz muitos ateliês e outras coisas fora do Planeta. A Madalena Matoso, a Yara Kono e a Isabel vão muito mais a escolas e atividades fora daqui do que eu. Quando vou gosto de o fazer e é giro, mas nunca me aconteceu assim nada de especial.

E com a Isabel?

Uma pessoa nunca sabe o que vai encontrar quando chega a uma escola, até porque às vezes combinam connosco que vamos ter um encontro com uma turma de 26 ou 27 alunos e, de repente, está um auditório com 200 miúdos. Acontecem essas coisas inesperadas, mas o mais cómico é que os miúdos fazem perguntas muito íntimas, não têm muita noção do público e do privado e perguntam tudo: se tenho marido e namorado, se tenho filhos e que idade é que eles têm... Perguntam-me tudo e mais

.....

alguma coisa sem qualquer pudor. Se calhar há pessoas que se incomodam com essas perguntas, mas eu por acaso até acho piada. E acho que resulta mais até quando vamos às escolas, há um grupo pequeno e não existe aquela formalidade do «autor que vai à escola». Gosto mais dessas conversas assim mais próximas e com menos crianças, mas não tenho nenhuma história muito cómica de que me lembre. São mais essas perguntas que me fazem e que são engraçadas.

Bernardo: Uma das coisas de que mais gosto é de ver que, às vezes, nas escolas, os alunos fazem versões dos nossos livros ou continuações dos nossos livros. Acho piada, já vi muitas coisas com ideias bem giras.

Isabel: Estou a lembrar-me também de uma escola em que trabalharam com um livro nosso que se passa num cabeleireiro (*Enquanto o Meu Cabelo Crescia*). É um cabeleireiro a que só vão pessoas já velhotas, uma coisa muito pouco espampanante, mas na escola montaram um cabeleireiro com aqueles secadores grandes, emprestados, elas andavam de unhas pintadas, havia imensos vernizes – estava assim «super pop» e não tinha nada a ver com o ambiente do livro, mas as miúdas aproveitaram para exprimir a vontade de se maquilharem!

A Isabel estudou numa universidade de Belas Artes, mas hoje em dia é sobretudo autora de textos e não de ilustrações. Porquê? Nunca teve vontade de ilustrar os seus textos?

Vontade até tive, mas não tenho talento que chegue. O meu percurso na escola sempre foi muito virado para as letras, em casa toda a gente achava que ia tirar um curso de letras e mesmo eu, quando era pequena, dizia que queria ser jornalista. O que aconteceu foi que quando cheguei ao liceu tive uma turma de artes – a minha intenção era depois voltar a estudar letras – e gostei imenso. Depois, achei que dentro desse mundo das artes havia também uma parte de comunicação de que gostava. Na altura não me interessava propriamente por desenho nem nada disso; interessava-me mais por esse lado da comunicação: cartazes, logotipos – coisas que tivessem um conceito. Achei que podia experimentar – foi uma coisa um bocado doida – e acho que fui também atrás dos meus amigos. Depois, quando cheguei à Faculdade de Belas Artes, tive uma espécie de crise existencial e quis muito mudar de curso, porque tínhamos aquelas disciplinas de desenho muito clássicas em que se desenhava cadeiras. Lembrou-me de pensar que gostava muito mais de estar a escrever sobre as cadeiras do que a desenhá-las. Mas, pronto, lá acabei o curso. Nunca fiz nada na área do design – quando comecei a trabalhar foi logo a escrever –, mas hoje em dia acho que foi super importante porque assim também percebo melhor o que é trabalhar com um ilustrador. Ainda há dias falávamos sobre um livro nosso que é *O Mundo num Segundo*, feito com frases muito pequeninas. E eu pensava: «Bem, se eu, para dizer o que está no conjunto do texto e da imagem, fosse escrever tudo, precisaria de três folhas A4!» Os ilustradores, às vezes, facilitam a vida e criam todo um ambiente que dispensa as palavras. As coisas foram acontecendo assim. Custou-me imenso acabar o curso, não sabia bem porque estava ali, mas hoje sinto que foi útil, não foi um desperdício.

Que materiais é que o Bernardo mais gosta de usar para fazer ilustração de livros infantis?

Gosto de experimentar muitas coisas. Não estou muito preso a uma técnica em particular. Já experimentei fazer livros de maneiras diferentes: só com canetas de feltro, com acrílicos ou pintados no computador... Uso um bocado de tudo porque me farto rapidamente de fazer as coisas da mesma maneira, prefiro andar sempre a experimentar. Na verdade os desenhos são sempre os mesmos, mas, mudando a técnica, usando colagens ou fazendo as coisas de outras maneiras, retiro essa monotonia de desenhar e estar sempre a fazer as coisas da mesma maneira.

.....

Há outros materiais que ainda não tenha usado nos livros e queira experimentar?

Sim, imensos! Ainda não experimentei fazer nada com gravura mesmo a sério; as coisas com serigrafia têm sido também muito pobrezinhas (tenho que ver se me aplico mais) e deve haver muitas outras coisas que gostava de experimentar e ainda não experimentei.

E o Livro dos Quintais, que é todo desenhado a canetas de feltro? Por que motivos as escolheu para fazer essas ilustrações?

Porque já tinha essa atravessada há muito tempo. Queria fazer um livro com canetas de feltro e gosto do aspeto que dão. Quando o comecei a fazer não era para ser assim, estava com uma ideia diferente na cabeça, mas foi assim que foi ficando. A dado momento já estava bastante trabalhado, não podia voltar atrás e tinha imensos espaços para pintar e nem estava a acreditar no trabalhão em que me tinha metido, de ter de pintar aqueles bocadinhos todos. Então chamei uns amigos que me vieram ajudar a pintar esses bocadinhos. Tínhamos canetas e várias pessoas à volta, todas a pintar bocadinhos do livro; foi giro.

Em que viagens se inspirou a Isabel para escrever o livro *As Duas Estradas*?

Nas viagens da minha infância, quando ainda havia poucas autoestradas e quando ia para casa dos meus avós nas férias – levávamos um dia inteiro para chegar e agora demoramos umas duas horas (e se formos em excesso de velocidade um bocadinho menos...). A ideia para fazer o livro surgiu num dia em que estava na zona de Idanha-a-Nova e, como acontece em muitos outros sítios, íamos por uma estrada nova (daquelas alcatroadas há poucos dias) e ao lado via-se a estrada antiga a aparecer de vez em quando em algumas curvas. Comecei a pensar nisso e achei que havia ali muita matéria para se poder fazer um livro. Depois, em conversa com o Bernardo e com as outras pessoas, estivemos a pensar sobre a parte gráfica: como se poderia fazer duas viagens ao mesmo tempo? Pensou-se até em várias hipóteses de as estradas serem paralelas, mas depois o Bernardo resolveu arriscar e as estradas já não eram paralelas, antes passava uma por cima da outra; acabámos por fazer esse livro que tem duas capas e duas histórias que se cruzam. Inspirei-me muito nessas viagens de antigamente em comparação com as viagens de hoje, que são muito mais rápidas, por um lado, mas se calhar também menos interessantes em alguns aspetos, como as paragens naquelas estações de serviço que têm coisas caríssimas para comer.

Por fim, gostava de perguntar, primeiro ao Bernardo e depois à Isabel, porque é que é importante gostar de ler.

Bernardo: Porque é que é importante gostar de ler? Porque viajamos, conhecemos outras coisas e outras histórias. É como ver filmes. Não sei se é importante, se é bom; acho que é bom ler, mais nada. Não sei se é muito importante, mas deve ser...

Isabel: No caso destes livros que nós fazemos, dos álbuns, acho que eles, por um lado, podem aproximar um adulto e uma criança, e acho que isso é giro. Há pessoas que dizem que os nossos álbuns são um bocado difíceis, ou que é preciso haver um intermediário. Isso pode não ser uma coisa má; eu acho que eles têm esse lado interessante de poderem aproximar pessoas de idades diferentes, uma vê umas coisas, a outra vê outras – o mais pequeno repara em coisas em que o outro não repara e vice-versa e acho que esse cruzamento é giro. Mas os livros também têm o contrário disso, o lado da evasão.

.....

Como quando estamos à espera de um comboio e, se quisermos, temos o livro. Eu ando sempre com um livro na carteira; tenho pena de agora já não andar tanto de comboio, mas podemos sempre ir para outro sítio, de repente, e ficar longe daqui. O lado interessante da leitura é esse de se conhecer tudo. Agora, por exemplo, estou a acabar um livro que se passa em Israel, uma realidade que a pessoa só conhece das notícias e do conflito israelo-palestiniano. De certeza que, agora, quando vir uma notícia sobre aquele mundo, vou ouvi-la com outra atenção porque, de certa maneira, também já estive a viver aquilo dentro do livro. Acho que é isso. ■